

## Assignatur

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs.  
a linha.  
Annuncios e communicados, a 50 rs.  
linha.  
Repetições ..... 25 rs linha.  
Annuncios permanentes 5 \*  
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

## O POVO D'OVAR

## EM DESCANÇO

Nem questões d'alta politica, nem polemicas sobre administração. Tudo descança, a não ser nos pequenos circulos da provincia, que, d'onde a onde, dão uma nota discordante com as suas tropelias eleitoraes.

Comtudo a situação do paiz não é invejavel. As questões, ha pouco ventiladas, que nos lançaram pelas ruas d'amargura, deixaram os seus rastros bem sensíveis.

Lá fora os comités emittem certificados da parte dos juro da nossa divida consolidada, que não foram pagos: na Africa continúa a Inglaterra na sua faina de rapinagem, lançando a rede para apanhar o Gungnhama, o nosso mais importante regulo da costa oriental.

E comtudo nós descançamos como se tivéssemos colhido muitos louros!

Vamos bem n'esse caminho. Ainda temos algum patrimonio, legado pelos antepassados, para empenhar em qualquer praça estrangeira ou para vender a qualquer potencia, que precise de colonias. Os morgados antigos também iam assim até que a ultima propriedade fosse a praça.

\*

Até ha pouco dizia-se que o governo não podia cuidar das questões importantes porque se via embaraçado deveras.

E' certo, porém, que os ministros trabalharam, remodelaram alguns serviços, introduzindo o systema das economias.

Alguma coisa fez; porém agora não devia parar.

Um ministro portuguez tem responsabilidades tão importantes adstrictas ao seu nome, que lhe não é licito parar. Parar é perder momentos preciosos, que devidamente, applicados á salvação do paiz, pôdem trazer-nos dias de prosperidade.

Não somos dos que desesperaram de vêr o paiz levantado do abatimento em que jaz. Alimentamos a crença viva de que melhores dias nos estão reservados n'um futuro proximo. Mas para que isso se dê é necessario um trabalho constante e proficuo.

Por isso olhamos com maus olhos o descanço dos ministros, tanto mais que em todas as suas medidas vemos a intenção de bem acertar.

\*

E ha tanto que fazer por esse paiz fóral!

A politica partidaria, com todo o seu facciosismo, nada mais fez do que desorganizar os serviços, crear dependencias, que só acarretam injustiças.

Durante muitos annos subiram na classe do funcionalismo, á excepção da magistratura ju-

dicial, não os mais habéis e mais honestos, mas os mais facciosos e menos sabedores.

Principalmente pelo que respeita aos empregados da fazenda as injustiças foram flagrantissimas.

Por isso não admira que a distribuição dos impostos se tornasse demasiado vexatoria e injusta: que as matrises não exprimam a verdade. E se a injustiça é grande para os contribuintes, é ainda maior para o estado ao qual os potentados eleitoraes procuravam lesar a olhos vistos.

Introduzir a moralidade na organização e cumprimento dos serviços publicos é uma urgente necessidade. Mas para isto carece o governo de dar aos empregados a maxima independencia, para que elles não estejam sujeitos aos caprichos e imposições dos regulos das diferentes localidades.

Remodelando-se por esta fórma a organização tributaria não é necessario decretar novos regulamentos, porque as leis existentes bastam.

\*

O governo tem procurado economisar, cerceando principalmente os empregos e os ordenados dos empregados publicos.

Ninguém ha que o não applauda por isso a não ser os feridos por essas medidas.

O que o governo tem feito é ainda muito pouco. Ha por ahi gente anichada pelas secretarias, que nunca trabalha, mas recebe gordos ordenados e pingues gratificações. Para esses é que é necessario o camartello demolidor. O paiz não pode estar sustentando taes sanguessugas, quando a estatistica accusa a sahida da metropole de milhares de individuos, que vão ganhar no Brazil o pão nosso de cada dia.

E não é só no paiz que se estão dando taes abusos. Nas colonias, longe da inspecção do governo é que os abusos tem medrado.

Todos os que vem d' Africa se espantam de como alguns individuos allí estão dispendo dos mais altos cargos sem a menor aptidão percebendo d'elles importantes ordenados, alem dos abusos que praticam nos logares que estão a seu cargo.

São esses homens a causa directa da nossa decadencia colonial. Se em seu logar estivessem outros empregados, que condignamente exercessem as funções, que lhes incumbiram, e ao mesmo tempo informassem circumspectamente o governo das reformas a introduzir nos serviços, nunca se dariam os abusos, que agora se estão descobrindo em Lourenço Marques e nas demais colonias.

\*

Não é tempo pois de descançar.

Trabalhe o governo tanto

quanto possa, porque de todo o seu trabalho carece o paiz.

Sejam embora rudes os ataques dos partidos, porque nenhum mal lhe fazem. Foram os partidos com a sua politica intolerante que nos arrastaram para o abysmo; elles mesmos reconheceram a sua responsabilidade e falta de forças para tomar sob os seus hombros a pezada herança do poder.

Agora que o paiz se sente animado por um logar de regeneração, não devem tomar o poder em que se desacreditaram.



## POLITICA CONCELHIA

Mas afinal de contas o snr. Aralla não responde a ninguém.

Não admira isso. Quando lhe citam factos da sua vida publica, quando lhe criticam o seu procedimento politico, phase a phase recolhe-se ao silencio. Nem mesmo chega a cantar os seus louvores—recolhe-os, esconde-os.

Já de ha muito devia ter feito isso. Quando se cantam *hosannas* é melhor justificar-as desde logo sob pena de cahir no ridiculo.

Ora nós é que não provocamos o sr. Aralla a elogiar-se a si proprio. Para que veio, pois, dizer que tinha feito muitos beneficios ao concelho?

\*

E' claro que um homem que dispõe a seu talante da administração d'um concelho rendosissimo por espaço de vinte annos algum melhoramento material ha-de ter feito durante esse lapso de tempo. Do contrario o dinheiro ou estaria em cofre ou em alguma casa particular.

Não nos consta até hoje que a receita municipal tivesse sido desviada do respectivo cofre, logo ha-de estar traduzida em gastos com obras do municipio com os empregados da camara.

Termo medio a receita annual do municipio no tempo da vereação do sr. Aralla orçava por 10:000\$000 reis. Sommada esta importancia por 20 dá em resultado 200:000\$000 reis.

Orçemos as obras feitas no tempo do sr. Aralla e comparemol-as com este rendimento.

Comparemos as acções boas que praticou com as más.

Aquilatemos a pressão que fazia como presidente da camara e redondava em seu beneficio pessoal.

Tirada a resultante de tudo isto fica a obra administrativa do sr. Aralla.

Não são os elogios feitos á carga cerrada, que conquistam a opinião é o exame e a discussão sobre os actos do homem, que são a justa medida do seu merecimento.

\*

Citamos dois factos salientes, na vida politica do sr. Aralla que tiveram unicamente por fim a satisfação de vinganças suas servindo-se do cargo de presidente da camara.

Para levar por diante o seu proposito o sr. Aralla nem sequer procurva a mascara da justiça. Citamol-os bem descarnados.

Para elles, para a nossa critica não encontrou o sr. Aralla resposta alguma.

E como havia de responder? Encobrindo-os? por forma alguma visto que eram bem sabidos. Illudil-os, dando-lhe uma outra apparencia? também não, porque, na lucta, se apresentou pessoalmente a descoberto.

Remetteu-se ao silencio e fez bem.

\*

Vê bem o sr. Aralla que para o combater não precisamos de inventar mentiras. O seu passado de homem publico bem largo e bem negro, fornece assumpto para tudo.

E nem precisavamos nós de o contar porque anda na bocca de toda a gente do concelho.

De que lhe vale appellar para um ou para outro a quem julga ter preso por laços antigos?

Respondem-lhe que viu ainda ha dias n'um jornal da terra. Desillusão sobre desillusão, amargura sobre amargura!

E será porque todos são injustos?

Não, snr. Aralla, é que todos o conhecem de sobra—é que a opinião unanime do concelho o repudia. Na sua vida politica Deus escreveu o *Mane, Tecel e Phares*.

A guerra progressista, levada até ao ultimo extremo tinha-o esmagado. Um dia nós, os *incolores*, levantamol-o sacrificando por vezes a vida e o socego, para depois sermos atraíçoados da maneira mais brutal que se tem visto.

Agora é tempo do snr. Aralla acabar de vez, visto que a sua vida politica só está produzindo perturbações ao nosso concelho.

\*

Chama-nos o sr. Aralla *incolores*. Não se percebe bem este titulo, quando o sr. Aralla o toma como gaudío para o seu jornal. Pois não é o jornal do sr. Aralla que affirma não ter politica alguma?

Não o tem dito uma vez, vae-o pregando em todos os seus numeros, mesmo quando defende e elogia o sr. Aralla.

Portanto *incolores* não somos nós, salvo se ha dous *incolores* na terra, como o caso das duas Marias.

Pouco temos de *incolores*. Haverá alguém até que nos ache côr de mais, pela guerra sem treguas que fazemos aos aralistas. Porem se o sr. Aralla entende que essa guerra é feita sem côr,

venha de lá o nome que nada nos faz ao caso.

Não é por um nome a mais ou a menos que nos hâvemos de perder.

Creia o sr. Aralla que brevemente mostraremos a nossa côr. Não vem muito longe o dia da eleição.

## Novidades

**Os pequenitos.**— Volta a «Folha d'Ovar» a tomar o nome aos *pequenitos*.

Pelo que vemos os *pequenitos* já entraram a dar o seu contingente no jornal. Ora nós pensavamos que elles se limitavam á secção «annuncios». Mas agora vemos que estavam em erro. Os *pequenitos* também dão a a sua pennada. Venha de lá isso.

Pergunta-nos o collega porque é que sendo o grupo dos *pequenitos* tão pouco importante o atacamos tantas vezes.

Ahi ha erro por força. Nós nunca atacamos esse grupo, comtudo gastamos algum tempo com elle.

Porque?

Porque é que se gasta tanto tempo com as creancitas, com os *bébés* a fazer-lhes festas que elles mal comprehendem?

Para nos entretermos, para nos rirmos um pouco e distrahir-nos das nossas canceiras.

Ora era isto o mesmo que nos succedia com esse grupo.

A endiabrada politica vareira não é lá das melhores coisas. Lucta-se, discute-se com afan. Anda a gente a matutar dias e dias para dar uma resposta. ao sr. Aralla. Depois não é mau, para distrahir, fazer um pouco de risota com os *pequenitos*.

Ahi está porque gastamos tanto tempo com elles.

Mas já agora, visto que as nossas palavras foram tomadas em mau sentido, não continuaremos com a brincadeira.

Quando as creanças começam a querer tomar o aspecto de homens já não teem graça.

## A folsa do Carregal

—Ha tempos os commerciantes de sardinha da nossa villa dirigiram á repartição da circumscripção hydraulica d'Aveiro um requerimento para ser desentulhada a folsa do Carregal.

Nada era mais justo visto que era n'aquella folsa mais proximo dos palheiros que os barcos da sardinha vindos pela Ria descarregavam. De resto só ha mais uma folsa a poente, que apenas se destina á descarga do molico.

Até hoje o requerimento não teve despacho. A principio a duvida estava em ser dirigido ao rei, depois.... ninguém mais soube pelo que era.

E ahi estão os nossos commerciantes a luctar com graves difficuldades sendo certo que com insignificante despesa se attenderia ao pedido. Coisas nossas.

## A CARIDADE

Como é bello e santo esse nome  
Que com seu manto agazalha a orphandade  
Bem dita seja pois essa aureola,  
Bem dita sejas tu ó—CARIDADE!

Mendigando uma esmola caminhava  
Com passos lentos, uma infeliz, pelas ruas,  
Tinha no rosto a expressão da miseria,  
Acompanhando-a as creanças, que eram suas.

Hirtas de frio, extenuadas de forças,  
Perdidas as esperanças, sem um alento ter  
Eis que á sua frente surge a CARIDADE,  
Impedindo-as assim d'aquelle triste soffrer.

Erguendo as mãos ao ceu, em oração  
A pobre mãe, exclamava com piedade:  
Oh! CARIDADE—Bem dita sejas tu  
Que com teu manto agazalhas a orphandade!...

Porto—16—9—92.

José Joaquim d'Oliveira.

**Festividade.** — Correu muito animada a da Senhora da Piedade na costa do Furadouro. Pela praia muitos e numerosos grupos, no arraial gente á cunha. Desde sabbado de manhã que os carros principiam a conduzir gente da villa para a costa, e a estrada ia sempre cheia.

Durante a noite de sabbado para domingo tocou a phylarmonica junto á capella nova, queimando-se fogo preso. No domingo, depois da missa solemne, sahio a procissão, que percorreu a costa, ajoelhando em frente das redes das companhas: á tarde seguiu-se o arraial, durando até á noite.

Na segunda-feira continuou o arraial com musica, mas o povo distrahiu-se pela costa em que as companhas trabalhavam e só á tarde regressou para junto da capella.

Até á noite nenhuma alteração d'ordem publica se tinha dado.

Porém ao terminar o arraial a phylarmonica Ovarense foi tocar á porta dos senhores das companhas; e como em frente da casa do sr. Francisco Ferreira Coelho lhe fossem fechadas as portas, alguns dos afficionados d'esta phylarmonica soltavam alguns *morras* aos da Boa-União. D'isto ia resultando um pequeno barulho que logo foi aplacado. A' porta de José Pacheco Polonia houve um outro pequeno desaguisado porque um individuo deu um socco em um socio da Boa-União. Como um parente d'este o quizesse desforçar começou outra vez barulho que não deu mais resultado algum.

Foi então que o sr. Isaac Silveira, secretario da administração do concelho mandou perfilar 5 ou 6 policias em frente ao bilhar dando-lhe em voz alta ordem de carregar as escopetas.

Ninguém percebeu que fundamento havia para aquella ordem. Uns começaram-se a rir, outros exasperaram-se.

A verdade é que aquella ordem não passou d'um disparate sem nexo. Em primeiro lugar porque então não havia desordem alguma, em segundo lugar porque ninguém tinha atacado a policia ou a auctoridade e em terceiro lugar porque o secretario da administração do concelho não é auctoridade alguma mas um simples empregado de secretaria.

O sr. Isaac levado pelo sim-

ples desejo de *fazer figura* não faz coisa que tenha geito, e arroga-se uma importancia que não tem.

Auctoridades policiaes por nós conhecidas são apenas o governador civil, commissario, administrador do concelho, regedor e cabos de policia. Ora se o sr. secretario nem cabo de policia é, para que anda por ahi e fazer de auctoridade?

De mais o sr. administrador do concelho estava a poucos passos de distancia. Mas o sr. secretario não quiz mandar-lhe parte pelo official, porque receiava perder aquella occasião de *deitar* importancia.

Isto deu em resultado que chegando o sr. administrador, e vendo a policia em armas ficou deveras espantado e perguntou o que tinha havido. O sr. secretario disse da sua justiça, e o sr. administrador mandou sahir os policias da forma e pol-os em ronda pelo arraial, a dois e dois.

Esta ordem comprehende-se sem mesmo a de carregar as escopetas. Mas o sr. Isaac Silveira pella-se por dar uma ordemsita de carregar armas...

Sem o disparate do sr. secretario o barulho teria passado como uma coisa sem importancia.

Já uma vez prevenimos o sr. administrador do concelho de que era melhor advertir o seu secretario para não entrar em attribuições que lhe não competem. Melhor será mandal-o para a secretaria trabalhar, onde, segundo consta, apparece raras vezes. Talvez lá preste para mais alguma coisa.

Isto de fazer policia nem todos sabem.

**Pesca.**—Foi muito abundante, na semana finda, a pesca na nossa costa.

Na sexta-feira foram alguns importantes excedendo o da companhia de S. Luiz a 800\$000 réis. A' companhia de S. Pedro rebentou o sacco, mas ainda fez 530\$000 réis n'esse lanço, que foi o da manhã.

**A questão das musicas.**—Dissemos e repetimos— não podemos tratar esta questão no campo das personalidades, porque nos repugna fallar na vida particular de quem quer que seja.

Fallava o nosso collega da «Folha d'Ovar» nas relações d'avó

e de neto quanto aos regentes das duas philarmonicas. Se quizessemos alguma coisa podiamos dizer mesmo sem ser da vida particular dos dois por exemplo do sr. Antonio Maria Valerio ter despedido da sua philarmonica sem motivo justificado o actual regente da Boa-União—mas isso não entra no nosso proposito.

No outro campo em que o collega diz que alguns socios das duas philarmonicas são mal educados, tambem o não podemos acompanhar. Não sabemos porque o collega tem o bom e mau sestro de chamar mal educados a muitos individuos que lhe não quadram. Agora passa esse diploma aos srs. Bonifacios—a dois rapazes commerciantes, muito bemquistos e sympathicos a toda a gente.

Disse o collega que nós na questão das musicas somos facciosos. Mas apesar do nosso facciosismo ainda não insultamos, nem menospresamos um só dos membros de qualquer das duas sociedades, enquanto que o collega o está fazendo constantemente.

Mas n'esta questão ha um ponto em que podemos discutir—a lucta estabelecida por entre as duas philarmonicas, quer entre os protectores d'ellas redunde em beneficio da terra ou não?—os meios que se empregam são bons ou maus?—é ou não justo que as festividades da igreja sejam postas a concurso pela forma como nós dissemos?

N'isto se resume o que temos a discutir, se é que o collega quer travar discussão. Punhamos, pois, de parte a velhice do sr. Antonio Maria Valerio e as suas relações com o neto. Isto não faz nada para a questão.

Nós opinamos—1.º que a lucta entre as duas phylarmonicas elevou-a a ambas porque estudaram e aproveitaram, e trouxe beneficios á terra porque ouvimos musica por menos preço—2.º que os membros da phylarmonica Boa-União e os seus protectores, srs. padres Baptistas pedindo affazeres e sacrificando até a sua remuneração empregam meios dignos—3.º que não se pôde admitir monopolio algum em beneficio d'esta ou d'aquelle phylarmonica no serviço das irmandades e por isso é justo que se estabeleça entre ambas o concurso.

Conteste, se pôde, a «Folha d'Ovar».

**A Caridade.**—A poesia que hoje publicamos no nosso jornal, foi expressamente composta, para ser offerecida á sociedade dramatica Luz e Esperança, no dia 16 do corrente, em que aquella aggremação promoveu um brilhante sarau dramatico, afim de minorar a precaria e tristissima situação da infeliz viuva e orphãos do extinto typographo Guilherme José Villela, cujo espectáculo se realisou no theatro Borges de Avellar, do Porto.

A poesia foi nitidamente impressa e distribuida pelos espectadores.

### A torre de porcellana

—No centro da cidade de Nankin, outr'ora capital da china, eleva-se uma torre de singular construcção, que todos os viajantes europeus admiram. E' octogona e tem cerca de sessenta e seis

metros de altura, sendo dividida em nove andares, aos quaes se sobe por meio d'uma escadaria, composta de cento oitenta e quatro altos degraus. Em cada andar tem uma galeria, cercada de larga columnada e protegida por um tecto elevado á maneira chinesa, nos angulos do qual estão suspensas campainhas de bronze, que, quando o vento as agita, espalham sons harmoniosos e de surpreendente effeito.

Exteriormente, a torre é coberta de porcellana, d'onde lhe vem o nome, e pintada de côres brilhantes que dão realçe ao seu aspecto pittoresco, e no topo é coroada por uma facha de madeira, que os chinezes dizem ser coberta d'uma lamina de ouro fino.

Do alto d'este edificio, a vista abraça não só a immensa extensão de Nankin, povoada de quinhentas mil almas, mas ainda todo o campo que a cerca. A vista d'esta magnifica cidade e da paisagem rica e variada que envolve o rio nas suas profundas sinuosidades, é um dos mais formosos espectaculos que podem offerecer-se ao viajante.

A origem da torre é pouco conhecida. Parece datar do seculo XIII da era christão. Uns dizem-n'a monumento de piedade, outros querem que commemore uma victoria alcançada pelos chinezes sobre os tartaros, ha perto de setecentos annos. O que é fóra de duvia, é que estes ultimos a respeitaram, quando pela ultima vez invadiram e devastaram Nankin.

**Estradas.**—Continuam completamente arruinadas as estradas d'esta villa, que pertencem ao estado.

Estamos cansados de pedir providencias sem obter resultado algum.

Mais uma vez lembramos que com pequeno dispendio se concertarão as estradas se a reparação se fizer já; enquanto que se o governo deixar para mais algum tempo tem de as fazer todas de novo.

**Candidatura.**—Disse um jornal da Feira e outros repetiram que o sr. Aralla se apresentaria candidato por aquelle circulo.

Não acreditamos essa balella.

Pois seria possível que um homem que é repudiado pela sua terra onde dispõe das auctoridades, sabisse deputado pela Feira, um circulo que tem aposentado deputados intelligentes?

Deputado pela Feira o sr. Aralla que apenas ia a Lisboa buscar o subsidio?

Ora adeus! essa não cabia na cabeça de ninguém.

D'esta vez o sr. Aralla ha de sahir... pelo Matto Grosso. E já não é mau de todo.

### Agencia permanente

—Chamamos a attenção dos nossas leitores para o annuncio incerto na terceira pagina, com o titulo que nos serve d'epigrapho.

## Litteratura

### COUSAS DO THEATRO

O ensaiador é quasi sempre quem escolhe no theatro as composições que devem subir á sce-

na. Por isso é a elle que de ordinario se dirigem os auctores para lerem os seus trabalhos dramaticos.

Escusado será dizer que em litteratura, e principalmente em litteratura dramatica, ha sempre muito pouca franqueza da parte dos que ouvem para com os que escrevem. Não é raro ouvir gabar um drama na presença do auctor, e pô-lo pela rua da amargura apenas o desgraçado volte costas.

Este artigo pois terá por fim servir de guia aos auctores noveis, para conhecerem immediatamente pelos elogios da pessoa do theatro a quem lerem as suas obras, o effeito que ellas produziram.

Supponhamos que um auctor acaba de ler o seu drama ao ensaiador, que o comprimenta com as seguintes palavras:

—Bravo, meu amigo! É admiravel! Ha muito que se não escreve um drama original tão completo. É um trabalho de primeira ordem! Ha de fazer fanatismo! Quem se estreia tão extraordinariamente ha de ter por força um brilhante futuro. Bravo! Mil vezes bravo!

O ensaiador, quando elogia assim, vae direitinho ao empresario e diz-lhe:

—Acabo de ouvir ler o drama ao homem.

—E então?

—Não é mau, pôde-se até dizer que é bom... sobretudo para que principia.

—Mas entendes que se deve pôr?

—Entendo que sim. Não digo que seja cousa para dar dinheiro, mas deve agradar.

E pôde ter o auctor a certeza de que o seu drama vae dentro em pouco tempo.

No fim da leitura de uma comedia diz, por exemplo, o ensaiador ao auctor:

—A sua comedia é muito bonita, muito engraçada!...

Tem algumas situações de seguro effeito. Entretanto não creio que os finaes dos actos sejam grande cousa... O que lhe parece?

—Julgo-os certos, responde o auctor.

—Isto engana muito... Vê-se no seu trabalho que o senhor tem talento, mas que lhe falta a pratica do theatro... No primeiro acto ha scenas longas... muito longas...

—Desanima-me.

—Pelo contrario. A sua comedia é muito bem feita e affimo-lhe que vae breve. Mas bem sabe que nada ha perfeito no mundo. Em todo caso dou-lhe antecipadamente os parabens, etc., etc.

(Continua)

## CHRONICA DO FURADOURO

Tem o seu quê de poesia o labutar gigante do pescador.

O mar cachoando em pégo e espraçando-se docemente na areia tambem tem um horisonte bello, quando o sol se vai esconder alem entre nuvens douradas, espargindo pela atmosphera uns raios de luz suave.

E o barco gingando sobre a vaga, abicando á terra impellido

pela força cadenciada dos remos, mostra a ousadia do vareiro que joga a vida sobre quatro tabuas mal serzidas.

O mar sem o trabalho do homem parece-me coisa morta, e o cachoar das ondas um puro acto mechanico. O barco balouçando-se e as redes correndo para terra dão-lhe alma, vida e animação.

Sempre desconhecido, sempre insofrido, o mar é como dogma theologico, um misterio insondavel.

Por isso é um manancial de poesia, por isso é iman dos sonhadores.

Tambem por isso eu gosto de ti, o mar quer te espraies docemente na areia da praia, quer batas forioso levantando grandes dunas....

Passou a festa e nem d'ella se ouvem vagos remores só como esqueletos esguias se veem de longe em longe espetados na areia mastros de pinhas que ficaram para arder.

Lá se foram os descantes d'aldeia, os desafios e as conversas dos namorados.

Entrou a praia na sua pacatez do costume, nas suas conveniencias de todos os dias.

Só de quando em quando a assembleia faz o seu bocado de pé de dança, mas meu Deus, nem um bocado de namoro por alli ha...

E' que a nossa praia conserva os seus habitos pacatos, de boa pessoa burgueza. Um namoro é coisa que ninguem perdoaria — a critica indigna dar-lhe ia logo para baixo como S. Thiago nos mouros.

A assembleia vae' pois, esmoendo sem *entrain* as suas polkas e valsas com a pontualidade d'um realejo mas com toda a elegancia.

E' que a dança sem um bocadito de pé d'alferes morre.

Comtudo na assembleia estão senhoras elegantes e bonitas, e cavalheiros idem.

B.

CORRESPONDENCIA

Vallega 22 de setembro de 1892

Era alta noite. A lua despontava por detraz das altas serranias mirando-se n'um espaço rio como uma donzella vaidosa, que se mira n'um espelho.

Repentinamente uns sons meliodiosos mas longinquos me tiraram do puro extasis em que a minha alma se achava envolvida. Esses sons vinham do rio para onde os meus olhos se volviam continuamente. Depois de ter olhado em diversas direcções pude descobrir posto que distante um pequeno topo que parecia dirigir-se ao lugar onde eu estava contemplando os panoramas da natureza. Segui com a vista o pequenino topo e depois d'alguns minutos pude divisar que era a verga de um barquinho. Mas quanto mais o barquinho se aproximava tanto mais claros se tornavam os sons. Passados alguns momentos arribava um barquinho á margem onde eu estava.

E que surpresa não foi a minha quando os meus olhos depararam com um vulto rodeado de finissimas perolas e com os cabellos que lhe pendiam pelos hombros mais resplandecentes que os

brilhantes! Era uma donzella ainda no verdor dos annos dotada d'uma formosura angelical, que recostada com uma das niveas mãos dirigia o barquinho, e com a outra deslisava meliodiosos sons nas finissimas cordas d'uma harpa. Fiquei por um pouco envolvido n'uma densa nuvem quando a donzella olhando para mim me acenou a que entrasse para dentro do elegante barquinho. Entrei e sentei-me junto d'ella sem balbuciar palavra. Levantada a ancora uma brisa fagueira, mais suave que as do estio impelliu o barco que debatendo mansamente as aguas, abria caminho em direcção a outras regiões. Estando livre dos estranhos bulícios, a donzella olhava-me com ternura.

Repentinamente acordei d'uma lethargia, descortina-se-me um horizonte mais claro e vi que tudo isto era um sonho.

—No dia 2 d'outubro tem lugar na parochial d'esta freguezia a festividade em honra de Nossa Senhora do Rozario. E' uma das principaes festividades d'esta freguezia e costuma ser muito concorrida. Veremos.

—Vão muito adiantadas as vindimas. A produção este anno é menos que o anno passado, mas em compensação a qualidade é superior.

—Esteve alguns dias entre nós o nosso amigo dr. João Chrysostomo d'Oliveira Ramos, distinto engenheiro.

—Acha-se na sua casa d'esta freguezia com sua ex.<sup>ma</sup> esposa e filha o ex.<sup>mo</sup> dr. José Maria de Sá Fernandes, digno juiz Municipal da Sabroza.

Até á outra

Zás-Trás.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

2.<sup>a</sup> publicação)

No domingo, 25 do corrente, pelas 10 horas da manhã e no local das propriedades abaixo designadas hão de ser postos em praça para serem arrematados por quem mais offerecer sobre o preço da respectiva avaliação os fructos pendentes, nos mesmos predios, que consistem em sementeira de milho e respectivas palhas, fructos estes que foram arrestados a Manoel Pinto Ferreira e mulher do lugar dos Castanheiros, no arresto que lhes moveu José Roiz d'Oliveira, casado proprietario do lugar da Torre todos da freguezia de Esmoriz, d'esta comarca e a saber:

Os fructos pendentes em um campo de terra lavradia com cabeceiro de matto, chamado o Carvalhal, sito no lugar da estrada Nova que confronta do norte e nascente com José Alves Dias: sul com caminho e poente com Manoel Ferreira da Silva, avaliados em 18\$000 reis.

Os fructos pendentes em um campo de terra lavradia chamada a Vessada, sito no lugar da Estrada Nova que parte do norte e nascente com Manoel Ferreira da Silva, sul com o rego d'agua, e poente com Manoel Fernandes de Sá

e outros avaliada em 13\$500 reis.

Os fructos pendentes em um campo de terra lavradia chamada o Agueiro, sito no lugar d'este nome que confronta do norte com Manoel Ferreira da Costa, sul e nascente com caminhos e poente com José Dias Magdalena, avaliados em 11\$000 reis.

Os fructos pendentes em metade de um campo de terra lavradia chamada os Carris, sito no lugar de Quintans que toda confronta pelo norte com Antonio da Silva Rato, do sul com Francisco de Sá Ramalho, nascente com Francisco de Souza e poente com Manoel Fernandes Pinto, avaliados em 10\$000 rs.

Todos estes predios são sitos na freguezia de Esmoriz.

Ovar 13 de setembro de 1892.

Verifiquei a exactidão

O juiz segundo substituto,

Descalço Coentro.

O Escrivão,

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

(155)

ARREMATACÃO

A Junta da Parochia da freguezia d'Ovar, faz saber que no dia 25 do corrente pelas 12 horas ou logo depois da missa conventual, vae por em arrematação o concerto da Capella de S. Miguel para ser entregue a quem por menos o fizer.

As condições estarão patentes no acto d'arrematação

Ovar 15 de Setembro de 1892.

O vice-Presidente,

Plácido O. Ramos.

Annuncios

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se aceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

CAPELLÃO

Está disponivel um capellão. Quem precisar dos seus serviços religiosos, deve dirigir carta á redacção d'este jornal.

CARNES VERDES

Manoel da Silva Borges, da rua das Ribas, faz saber ao respeitavel publico que se estabeleceu em sua casa, assim como na Praça d'esta villa, vendendo carne de gado suino.

Espera a concorrência dos seus illustres freguezes e garante ter á venda a melhor carne com todo o esmero e limpeza.

Tanto na sua casa como na Praça encontrarão tudo o que pertence ao seu ramo de negocio: carne velha para adubo, unto, pingue, carnes frescas, presuntos, lombo fresco, etc.

OVAR

AGENCIA PERMANENTE

INSCRIPÇÃO

1.<sup>a</sup> CLASSE

Quota annual—3\$000

Particulares, parochos e empregados publicos

Esta classe abrange todos os negocios publicos ou particulares do cliente e de sua familia com elle residente, pendentes em Lisboa em todos os tribunaes, repartições, secretarias ou estabelecimentos, taes como:

Assignaturas e annuncios, quotas e pensões de monte-pios, solicitação de diplomas e relatorios, representação em assembleas geraes, negociação de fundos, arrematações, matriculas e certidões em escolas, seguros, liquidação de contas e letras, protestos, registos, impostos, direitos de mercê, encartes, requerer licenças e concursos, solicitar em juizo, certidões, cumprimento de deprecadas; amfim, todos os actos de procurador, correspondente ou empregado ás ordens do cliente.

Especialmente para os parochos abrangem não só os assumptos que lhes digam respeito, mas todos os assumptos ecclesiasticos, que digam respeito aos seus freguezes, no patriarchado, na camara ecclesiastica, na nunciatura, no ministerio da justiça ou nas freguezias de Lisboa.

A Agencia não faz a menor restricção á latitude d'esta classe, que abrange todos os serviços, excepto as de advocacia e os que impiquem inscripção em outra classe.

2.<sup>a</sup> CLASSE

Quota annual—6\$000

Negociantes estabelecidos

Esta classe abrange todos os assumptos incluidos na 1.<sup>a</sup> e mais os que dizem respeito especialmente ao commercio, taes como:

Informações periodicas ou avulsas dos preços correntes de quaesquer generos, chegadas e partidas de vapores, preços de transportes, recepção e despacho

de encomendas, aluguer de depositos e armazenagem n'elles de quaesquer mercadorias, encomendas de generos, ou venda d'elles, arrematações de fornecimentos particulares ou do estado, informações sobre quaesquer assumptos, remessas de tarifas, contractos especiaes com companhias ou casas expedidoras, nacionaes ou estrangeiras; emfim, todos os negocios commerciaes como se a Agencia fosse succursal da casa commercial do seu cliente.

3.<sup>a</sup> CLASSE

Quota annual—12\$000

Advogados e solicitadores da provincia

Esta classe abrange todos os negocios comprehendidos na 1.<sup>a</sup> e que digam respeito ao advogado ou procurador e á sua familia, com elle residente e mais todos os negocios forenses, administrativos ou ecclesiasticos dos seus clientes relativos a questões que tenham pendentes.

4.<sup>a</sup> CLASSE

Quota annual—24\$000

Advogados e procuradores do Porto

Esta classe abrange os mesmos assumptos que a 3.<sup>a</sup>

5.<sup>a</sup> CLASSE

Gratis

Jornaes

Esta Agencia, mediante a publicação de annuncios, prestará aos jornaes da provincia incluindo os do Porto, todos os serviços da classe 1.<sup>a</sup> e mais os especiaes de que elles careçam, taes como: Compra de material typographico, papel ou outros generos, cobrança de assignaturas e remessa da sua importancia, contractos de venda dos jornaes, solicitando essa venda, remessa de noticias sobre qualquer assumpto especial e de telegrammas sobre determinados assumptos, informações particulares, etc.

A Agencia encarrega-se, por preços modicos, de correspondencias noticiosas, remessa regular de telegrammas internos, ou externos da Agencia Havas, noticias circunstanciadas de determinados assumptos, cartas commerciaes, litterarias ou politicas sem côr partidaria, boletins parlamentares e de reuniões publicas ou associações. Tambem, por diminutas percentagens se encarrega da distribuição dos jornaes em Lisboa aos assignantes e da venda avulsa.

Para a inscripção basta remetter até ao 1.<sup>o</sup> de novembro a prestação correspondente ao primeiro semestre por vale do correio ou portador, á sede da Agencia, declarando a classe, nome, morada e direcção do correio, em bilhete postal ou carta ou pelo portador da prestação.

A Agencia, avisará, na volta do correio, as pessoas inscriptas.

Do 1.<sup>o</sup> de outubro proximo em diante poderão os nossos clientes dispôr, pela fórma declarada, de todos os serviços da Agencia.

LOEN TAXIL

## OS MYSTERIOS

DA

## FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.<sup>o</sup> FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIROCom uma dedicatória  
do auctor a sua magestade

## A RAINHA D. AMELIA

Com auctorisação do em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve  
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,  
e abençoando-o, e que foi louvado  
pelos ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo  
de Rennes, Bispo de Montpel-  
lier, Bispo de Coutances, Bispo  
de Seez, Arcebispo de Gran, Ar-  
cebispo de Turim, Bispo de Sois-  
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-  
cebispo de Auch, Arcebispo de  
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo  
de Bayeux, Arcebispo de Cham-  
bery, Bispo de Bannes, Bispo de  
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous vo-  
lumes distribuída em fascículos  
de 32 paginas de texto com qua-  
tro ou mais gravuras. Preço de  
cada fascículo 100 reis, pagos no  
acto da entrega; para as provin-  
cias é franco de porte. Os assi-  
gnantes da provincia pagarão de  
cinco em cinco fascículos, envian-  
do-se-lhes n'essa occasião o com-  
petente recibo. Concluída a pu-  
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-hão tres fascicu-  
los por mez. Todas as pessoas  
que angariarem dez assignaturas  
e se responsabilisarem pelo seu  
pagamento, receberão um exem-  
plar gratis.Aceitam-se correspondentes  
nas terras onde os não ha; a  
comissão é de 20 p. c., garan-  
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-  
rias do reino e em casa do edi-  
tor Antonio Dourado, rua dos  
Martyres da Liberdade, 113—  
Porto, a quem deve ser dirigida  
toda a correspondencia.

## BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-  
res, nunca excederão o preço de  
400 ou 500 reis, como por exem-  
plo o celebre romance OS MY-  
STERIOS DE PARIS, (5 volu-  
mes) que nos propomos publicar  
mais tarde, e que apenas custará  
CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

## UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se-hão—O Cas-  
tello da Raiva de L. Stapleau—  
Um drama de revolução de Er-  
nesto Daudet Mont Oriot, de  
Guy de Maupassant.—O grande  
industrial e Sergio Panine de  
George Ohnet.—Clotilde de Al-  
phonse Karr.—Sapho de A. Dau-  
det.

## CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume  
pago no acto da entrega 100  
réis.Provincias, ilhas e ultramar,  
cada volume, franco de porte  
120 réis. Pagamento adiantado.  
Assigna-se em Lisboa no es-  
criptorio da Empreza da BI-  
BLIOTECA ECONOMICA, T.  
da Queimada, 35.

## REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato  
grande, bom typo e bom papel  
100 réis; pelo correio 105 réis.  
Requisições á Empreza Editora  
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries  
de seis fascículos.—Beco da Amo-  
reira, 9, 3.<sup>o</sup>No prélo:—Dicionario de Ju-  
risprudencia e Legislação Portu-  
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;  
pelo correio 105 réis, pedidos á  
empreza editora—LETRAS E  
LEIS.

## OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico,  
em seis cantos, reproduzido  
in-extenso com todas as liber-  
dades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte  
quem enviar a sua importancia em  
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Continho  
—Editora. Rua dos Caldeireiros,  
18 e 20—Porto.

## AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.  
26, Rua do Marechal Saldanha  
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

PR

L. STPLEAUX

Romance dramático da maior sensação  
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao  
preço de 60 reis.Publicada a 1.<sup>a</sup> caderneta e  
á venda n'esta localidade e nos  
escriptorios da Empreza editora,  
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,  
Lisboa, onde se dirigirão os pe-  
didos.

## O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus  
amigos e freguezes, bem como ao  
respeitavel publico, qua tem no  
seu estabelecimento um lindo e  
variado sortimento de fazendas  
de todas as qualidades, das quaes  
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes  
pannos familias e domesticos, chi-  
tas pretas, brancas e de côr, ris-  
caños, zephires, lenços de varias  
qualidades, chailes pretos e de  
côr, nacionaes e estrangeiros, me-  
rinos de pura lã, castorinas as  
mais modernas, picotilhos, case-  
miras pretas e de côr tanto na-  
cionaes como estrangeiras, camiso-  
las de malha de lã e de algodão  
tanto para homem como para sen-  
hora, botões de phantasia pretos  
e de côr, guarnições de seda e lã,  
bem como muitos outros objectos  
existentes na sua loja, que é im-  
possivel annunciar.Tambem faz publico que no  
seu estabelecimento vende fato fei-  
to, tanto para homem como para  
creanças, comprehendendo calça,  
collete e casaco de varias quali-  
dades e boa casomira, bem como  
se encarrega de qualquer peça  
d'obra que lhe encomendem.Vende tudo por preços sem  
competidor. Portanto meus ami-  
gos e freguezes, é aproveitar  
antes que venham os nossos direi-  
tos d'Alfandega porque depois  
tudo sobe.

## A ESTACÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS  
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.<sup>o</sup>  
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis  
4\$000—6 mezes 2\$100  
rs.—Numero av. Iso rs.  
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-  
GAN & GENELOUX, SUC-  
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA  
ARTES E OFFICIOSVariadas e curiosas recei-  
tas e processos de physica e  
chimica pratica sobre artes,  
Economia domestica, Photo-  
graphia, etc.

## DECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surperhendentes sortes e  
experiencias, Cryptographia,  
metodos para corresponden-  
cias secretas, 27 gravuras ex-  
plicativas.A' venda em todas as li-  
vrarias.

Preço. . . . 400 réis

« . . . . 420 «

Deposito—Livraria Portu-  
gueza, Loyos, 56—Porto.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, ernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **multo reduzidos** pa-  
ra todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos  
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-  
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-  
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer  
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para  
os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Orien-  
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-  
tam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-  
dos. agentes das companhias se lhes dirijam para obter  
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.

## Africa Portuguesa

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE  
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA  
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos multo inferiores ás tabellas das ou-  
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 reis; Ambriz e Loanda  
38\$000 reis; Benguella 142\$000 reis; Mossamedes 46\$000 reis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio  
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-  
nhias Mala Real Portuguesa, Mésageries Maritimes, Mala  
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-  
sagens por preços multo reduzidos. Preço minimo em 3.<sup>a</sup>  
classe 27\$000 reis.Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se  
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-  
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos  
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae  
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-  
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas  
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-  
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-  
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem  
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-  
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer  
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado  
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em  
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em  
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

## A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição  
correcta e augmenta  
auctorSairá em cadernetas semanaes  
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.<sup>a</sup>

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO  
Major de Infantaria  
e ex-professor do Lyceu Central do  
Porto—  
PORTO

Magalhães &amp; Moniz—Ditores

## CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS  
E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tard  
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO